

DINÂMICA INDUSTRIAL EM OSASCO (SÃO PAULO, BRASIL): REORGANIZAÇÃO ECONÔMICA E ESPACIAL (1985–2015)

*INDUSTRIAL DYNAMICS IN OSASCO (SÃO PAULO, BRAZIL):
ECONOMIC AND SPATIAL REORGANIZATION (1985–2015)*

Cláudia Alessandra Tessari¹, Renata Bianconi², Flávio Tayra³,
Julio Cesar Zorzenon Costa⁴, Antonio Carlos Casulari Roxo da Motta⁵

Resumo

O artigo objetiva analisar a mudança do perfil econômico do município de Osasco (São Paulo – Brasil) a partir do final dos anos 1980 e início da década de 1990 e seu impacto no reordenamento do espaço urbano e no perfil de emprego e renda. Importante centro industrial do estado de São Paulo, notadamente metalúrgico, Osasco, que tinha na indústria de transformação sua principal atividade, abrigando grandes empresas de capital nacional e internacional, sofreu drástica mudança com a preponderância atual do setor de serviços, em especial empresas de varejo e comércio eletrônico, responsáveis pela maior parte do PIB municipal. Para o estudo do reordenamento econômico no município, recortamos o eixo “Ferrovia–Autonomistas”, área industrial formada nos anos 1910 e intensificada a partir da década de 1940, em torno de vias de acesso privilegiadas e constituída por grandes empresas industriais empregadoras de significativo contingente de trabalhadores, que passou por transformações a partir dos anos 1990. Selecionamos para a pesquisa cinco firmas aí instaladas (Frigorífico Continental/Wilson, fundado em 1916; Eternit, em 1940; unidade Osasco da Santista S.A., em 1950; Braseixos, hoje CBDS, em 1956; e Brown Boveri, em 1957), cujas trajetórias explicitam, de forma concreta, as transformações indicadas.

Palavras-chave: Osasco (São Paulo–Brasil); indústrias; reestruturação produtiva; reorganização espacial.

Códigos JEL: L60, L23, O14, R11

Abstract

This article aims to analyze how the economic profile of the municipality of Osasco (São Paulo, Brazil) changed from the turn of the 1980s to the 1990s, and how this shift impacted the reorganization of urban space, and employment and income patterns. Osasco, an important industrial center in the state of São Paulo — particularly in the metallurgical sector — where manufacturing was the main economic activity, hosting large companies with both national and international capital, has undergone a drastic transformation, now characterized by the predominance of the services sector, especially retail and e-commerce, which account for the majority of its GDP. To study the municipality's economic reorganization, we focus on the “Ferrovia–Autonomistas” axis, an industrial area established in the 1910s and expanded in the

1 Universidade Federal de São Paulo, Brasil. Correio eletrônico: ctessari@unifesp.br

2 Universidade Federal de Alfenas e Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Correio eletrônico: renata.bianconi@unifal-mg.edu.br

3 Universidade Federal de São Paulo, Brasil. Correio eletrônico: ftayra@unifesp.br

4 Universidade Federal de São Paulo, Brasil. Correio eletrônico: julio.zorzenon@unifesp.br

5 Fundação SEADE. Correio eletrônico: antoniocarlosroxomotta@gmail.com

1940s, structured around privileged access routes and characterized by the presence of large industrial firms employing a substantial workforce, which began undergoing significant transformations from the 1990s onward. For the research, we selected five companies located in this area (Frigorífico Continental/Wilson, founded in 1916; Eternit, in 1940; the Osasco unit of Santista S.A., in 1950; Braseixos, now CBDS, in 1956; and Brown Boveri, in 1957) whose trajectories concretely illustrate the transformations indicated.

Keywords: Osasco (São Paulo, Brazil); industries; productive restructuring; spatial reorganization.

Códigos JEL: L60, L23, O14, R11

Recibido: 9-9-2025 | **Revisado:** 25-11-225 | **Aceptado:** 5-12-2025

Introdução

O município de Osasco localiza-se na região metropolitana de São Paulo (RMSP), fazendo divisa com o oeste da capital do estado, por um lado, e com os municípios de Barueri, Carapicuíba, Cotia, Taboão da Serra e Santana de Parnaíba, por outro. Osasco tem área territorial de 64,954 km² e é composto por 60 bairros, com uma população total de 728.566 pessoas em 2022 (densidade demográfica de 10.414,92 hab./km²). O município tem um dos maiores PIB do Brasil (2º em São Paulo e 7º no país) que, em 2022, foi estimado em R\$81,6 bilhões, sendo 94% provenientes do setor de serviços.

Osasco teve sua constituição como parte do desenvolvimento do município de São Paulo. Foi vila da capital paulista até 1918, distrito de 1918 a 1944, subdistrito de 1944 a 1958, e, no início de 1962, foi oficializado como município. Neste sentido, a história econômica de Osasco relaciona-se diretamente à história da industrialização e de São Paulo, visto que se formou primeiramente como um típico subúrbio industrial da capital paulista a partir da instalação de indústrias pioneiras na região, no final do século XIX. (Penteado e Petrone, 1958, p. 97-98).

Quando observamos a história da industrialização brasileira, o estado de São Paulo e, sobretudo, sua capital e entorno têm destaque. De acordo com o Censo Industrial de 1949, publicado em 1950, o estado de São Paulo era responsável por 48% do Valor da Transformação Industrial (VTI) brasileira (Negri, 1996, p. 89). A capital, sozinha, era responsável por metade da produção industrial do estado e pela metade dos operários industriais (Luna e Klein, 2022, p. 54)

A industrialização de Osasco esteve intrinsecamente ligada à dinâmica econômica da capital paulista e de sua região metropolitana. Beneficiou-se de sua proximidade com São Paulo, da disponibilidade de terrenos baratos e da localização privilegiada ao lado da Estrada de Ferro Sorocabana, fatores que atraíram investimentos industriais (Penteado e Petrone, 1958, p. 98; Negri, 1996, p. 87). Isso deve-se ao fato de que, como indica Corrêa (1989, p. 55), o crescimento das cidades capitalistas impõe a descentralização de atividades econômicas, como as industriais e terciárias, para suas áreas periféricas, por meio dos processos de descentralização e de seletividade espacial⁶.

A instalação de grandes indústrias em Osasco, a partir dos anos 1940, é uma expressão concreta do processo que se desenrolava desde os anos iniciais do século XX, de concentração da indústria brasileira no estado de São Paulo e de sua expansão para áreas periféricas e para municípios vizinhos à sua capital, a cidade de São Paulo. Isso se explica pela existência, naquele momento, de vantagens locacionais e de economias de aglomeração⁷ no entorno da capital, a região da “Grande São Paulo” como era chamada. Tal

⁶ No tocante à atividade industrial, esses processos vinculam-se à tentativa de contornar os constrangimentos surgidos na região central para a continuidade de atividades produtivas. Estão relacionados também ao desenvolvimento de novas técnicas e a novas necessidades de escalas de produção. Tais elementos tornam inviáveis a permanência ou a instalação de plantas industriais nos centros urbanos, provocando sua transferência para espaços onde há possibilidade de terrenos maiores e mais baratos. Essas áreas tornam-se mais atrativas, ainda, se possuírem algum tipo de infraestrutura prévia como, por exemplo, ferrovias, que favorecem a constituição de economias de aglomeração.

⁷ Economia de aglomeração é um conceito complexo devido à diversidade de interpretações por diferentes correntes teóricas. Não obstante, pode ser resumido como a presença, concentrada em determinado espaço, de atividades, agentes econômicos e recursos que permitem diminuição de custos, ganho de escala, incremento de produtividade e, portanto, o aumento da lucratividade. Para uma avaliação de sua complexidade conceitual ver: Tinoco (2003); para uma definição mais direta, ver: Sandroni (1999, p. 193).

situação permaneceu, em linhas gerais, até o final da década de 1960, quando então é revertida devido ao início de outro processo: o de desconcentração industrial em São Paulo (Diniz, 1993, p. 40; Negri, 1996, p. 24).

Essa desconcentração industrial na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) se intensificou, ganhou novas dimensões e uma maior intensidade, a partir dos anos 1990 e está relacionada à profunda reestruturação da economia brasileira, marcada pelos impactos e desdobramentos das crises econômicas dos anos 1980, pela transformação nas formas de ação do Estado brasileiro nos assuntos econômicos e também pela mudança de sua atuação regulatória. Relaciona-se, ainda, a modificações introduzidas por um novo panorama econômico internacional: a chamada mundialização do capital, que se caracterizou por uma forte abertura comercial e por uma maior liberdade nos fluxos financeiros e de serviços, em escala global (Chesnais, 1996). Em âmbito nacional, a liberalização comercial e financeira teve ainda forte impacto na taxa de câmbio, provocando perda de competitividade da indústria brasileira. Os processos acima referidos, em suas faces interna e externa, denotam que a economia do país transitava, nesse período, de um padrão de acumulação urbano-industrial, sustentado, em boa parte, por políticas de desenvolvimento industrial com grande participação do Estado, para um novo modelo de acumulação, marcado, a partir de então, por um profundo processo de globalização, de liberalização econômica e de financeirização da riqueza.

É importante ressaltar que essas transformações estão na origem do processo de desindustrialização pelo qual o Brasil passou a partir do final da década de 1980 e no qual a desindustrialização de Osasco estava inserida. Em nível local, na RMSP, particularmente em Osasco, essas transformações intensificaram os problemas vinculados às deseconomias de aglomeração, que já haviam começado a se tornar visíveis a partir de meados da década de 1970 (Diniz, 1993, p. 40), tais como: aumento de custos urbanos vinculados ao aumento dos preços dos terrenos, dos congestionamentos do trânsito viário, de restrições à circulação de veículos pesados e do surgimento de pressões ambientais. A essas questões somaram-se, na década seguinte, a valorização dos terrenos industriais para empreendimentos imobiliários (Constantino, 2009, p. 114) e o aumento das mobilizações sindicais —as quais, de acordo com interpretações das entidades patronais, levavam ao aumento do custo do trabalho (Negri, 1996, p. 191). Esses elementos parecem ter impulsionado a transformação da antiga base produtiva de Osasco em áreas voltadas ao comércio, aos serviços e à habitação para classes médias e altas.

Além dos fatores que levaram às deseconomias de aglomeração em Osasco, deve-se incluir a incorporação de Osasco aos processos de transformações urbanas ocorridas na Zona Oeste da capital paulista, no entorno da avenida Marginal Pinheiros, região com a qual Osasco possui relativa proximidade⁸. No início dos anos 1990, a gestão municipal de Paulo Maluf (1993–1996) em São Paulo promoveu uma série de obras viárias que reconfiguraram o valor da terra urbana e impulsionaram a migração de sedes administrativas e serviços de alto padrão para a Zona Oeste do município (Rolnik, 1997), intensificando sua tendência em se estabelecer como novo eixo dinâmico voltado aos investimentos imobiliários. Simultaneamente, a construção do Rodoanel —especialmente em seu trecho Oeste, cujo projeto foi anunciado em 1997 e executado entre 1998 e 2002 (Governo do Estado de São Paulo, 2005)— teve papel estratégico na valorização da localização de Osasco como polo logístico e de comércio.

Dessa forma, apesar de não ser possível analisar o processo de desindustrialização de qualquer região brasileira (ou mesmo de outras economias onde ocorreram processos de desindustrialização prematura) sem levar em conta as conexões entre o regime macroeconômico e a política industrial (Nassif; Bresser-Pereira; Feijó, 2018), esse artigo tem como foco a análise das condicionantes locais. Visa analisar a mudança do perfil industrial de Osasco a partir do final da década de 1980 e o reordenamento econômico e espacial do município, entendendo que o fechamento de indústrias respondeu ao processo geral de reestruturação produtiva e de desindustrialização nacional, mas também às deseconomias de aglomeração em âmbito local e à permanência da influência econômica da capital paulista e das transformações urbanas de sua Zona Oeste.

Na busca de caracterização do espaço local, reconstituímos o processo de formação da principal área territorial industrial de Osasco, o eixo “Ferrovia-Autonomistas”, que se formou a partir dos anos 1910 e se

⁸ Para as transformações urbanas referidas ver Fix (2007).

intensificou com a instalação de grandes indústrias de capital nacional e internacional a partir dos anos 1940.

Em seguida, é analisado o perfil econômico de Osasco e seus impactos nos perfis de emprego e de renda em dois tempos: em meados dos anos 1980, quando o município passou a enfrentar intenso processo de reestruturação em seu setor produtivo; e em meados da década de 2010, quando se evidenciaram as transformações desse espaço urbano, com a intensificação dos grandes empreendimentos comerciais e residenciais (Neiva, 2015). As mudanças econômicas e espaciais no município ganham concretude na análise da trajetória de cinco firmas que se localizavam no eixo “Ferrovia–Autonomistas”: Frigorífico Continental/Wilson (fundado em 1915); Braseixos, hoje CDBS (fundada em 1956), Brown Boveri (fundada em 1957), Eternit (fundada em 1940) e a unidade Osasco da Santista S.A. (fundada em 1950). Essas empresas, com exceção da Braseixos, tiveram suas atividades descontinuadas no município e suas instalações foram demolidas total ou parcialmente para dar lugar a condomínios residenciais verticais, salas comerciais, complexo com supermercados e hipermercados, além de três shopping centers.

1. A constituição do parque fabril de Osasco e o eixo industrial “Ferrovia–Autonomistas”

Como já destacado, a região que hoje faz parte do município de Osasco constituiu-se como parte do desenvolvimento industrial da cidade de São Paulo. Segundo estudo realizado na década de 1950 sobre a capital paulista, seus subúrbios e arredores, é o processo de industrialização que explica o desenvolvimento da região que hoje é o município de Osasco:

Foi inegavelmente o desenvolvimento industrial da cidade de São Paulo que veio dar imponência às áreas hoje ocupadas pelos subúrbios que vimos estudando: ocasionou o rejuvenescimento de antigos e sonolentos aglomerados, como aconteceu com Santo Amaro, Guarulhos e, particularmente, com São Miguel Paulista; fez nascer e deu importância a centros novos, como São Caetano do Sul, Santo André e, especialmente, Osasco. (Penteado, 1958, p. 14)

As primeiras fábricas instaladas em Osasco, embriões do parque industrial do município, datam dos últimos anos do século XIX. Eram elas a Companhia Cerâmica de Osasco, fundada em 1884, a Fábrica de Tecidos de Algodão Enrico Del’Acqua & Cia, em 1895, e a Fábrica de papel e papelão Sturlini Matarazzo e Cia, em 1902. Durante e imediatamente após a Primeira Guerra Mundial, a região recebeu novas e importantes fábricas: em 1914, o frigorífico Continental Products Company (posteriormente, Frigorífico Wilson do Brasil); em 1922, a Fábrica de Tecidos de Algodão Enrico Del’Acqua & Cia retornou à atividade como Fábrica de Tecidos Beltramo e Cia (Cotonifício Beltramo ou ainda Cotonifício de Osasco)⁹; e, a partir de 1930, a fábrica de fósforos Alves e Reis (Fósforos Granada). (Langenbuch, 1968)

Foi, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, que Osasco se tornou um dos principais centros industriais do estado de São Paulo. As políticas industrializantes do período fizeram com que o estado de São Paulo, sua capital, principalmente, seus subúrbios e municípios adjacentes passassem a oferecer significativas vantagens locais.

São exemplos de empresas industriais que se instalaram em Osasco a partir de 1940: Eternit do Brasil Cimento e Amianto S.A. (1941); Cobrasma (1944); Cia Industrial e Mercantil de Artefatos de Ferro – CIMAF (1948); Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A. – Santista Têxtil (1950); Lonaflex (1951); Indústria Elétrica Brown Boveri (1957)¹⁰; e Braseixos Rockwell, entre outras. (Costa, 2021, p. 112)

A formação de Osasco, portanto, sempre esteve relacionada à indústria:

⁹ A Fábrica de Tecidos de Algodão Enrico Del’Acqua & Cia, localizada próximo à estação de trem de Osasco, havia sido desativada em 1906.

¹⁰ Costa (2021) indica o ano de 1945 como o de fundação da empresa Brown Boveri. Contudo, o ano correto é 1957, de acordo com Ruy (2023, p. 14) e com propaganda da empresa publicada na revista *Realidade* (1967, p. 31).

Não se registrou ali a fase de transição, ora agropastoril, ora comercial, verificada noutras áreas da própria região de São Paulo [...] . As indústrias locais tiveram importância desde o alvorecer de Osasco e seus “satélites”, chegando mesmo a constituir um dos fatores da formação de alguns dos núcleos, como é o caso de Presidente Altino, com o “Frigorífico Wilson”. (Penteado, 1958, p. 103).

A importância industrial do extremo oeste da capital paulista, onde se situa o território próximo às estações de trem da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) durante a primeira metade do século XX, é explicada pela saturação industrial do seu núcleo central. Assim, nos anos 1940, o crescimento demográfico e o número de fábricas instaladas em Osasco derivam do encarecimento da força de trabalho e dos meios necessários à reprodução da vida na região central da capital. Em Osasco, como em todo o entorno da capital, a disponibilidade de terras a preços baixos atraía trabalhadores e, consequentemente, empresas. A sua localização, favorecida pela presença da ferrovia, por se situar em um vale fluvial e por estar próxima à estrada de Itu¹¹, foi, pois, fator determinante (Langenbuch, 1968). Osasco, segundo Langenbuch (1968, p. 262) constituiu-se como um típico “subúrbio-estação”¹², um “subúrbio-estação da Estrada de Ferro Sorocabana”. Essa característica favoreceu —com a progressiva industrialização— que Osasco posteriormente passasse a ser um típico subúrbio industrial, cuja atração permaneceu sendo a proximidade da linha férrea, seus terrenos baratos (pois afastados do centro da cidade de São Paulo) e sua grande extensão:

A ocupação da faixa lindeira à linha férrea nas regiões mais próximas ao centro da cidade de São Paulo aumentou gradativamente nos primeiros anos do século XX, limitando o número de terrenos disponíveis e subindo o preço destes. Assim, a expansão industrial começou a ser instalada em territórios periféricos também servidos pela ferrovia, como na região da Estação Osasco, no km 16 de São Paulo, atendida pela Estrada de Ferro Sorocabana. (Costa, 2021, p. 98).

Foi ao lado da Estrada de Ferro Sorocabana que foi instalada a primeira fábrica de Osasco, a Companhia Cerâmica (1898), responsável, inclusive, pela inauguração da estação Osasco, no km 16 da EFS. O Frigorífico Continental/Wilson, também se instalou ao lado da ferrovia, por onde chegava o gado de corte. Em São Paulo foi inaugurada uma nova estação no km 14 da EFS, distante apenas 2 km da Estação Osasco¹³. De acordo com Costa (2021, p. 100) o motivo da instalação da estação neste local foi o fato de ali ter sido construído o desvio para o Frigorífico Wilson.

Essa região delimitada entre as duas estações da EFS e entre a estrada São Paulo–Itu constituiu-se em um importante núcleo urbano-industrial, região “Ferrovia-Autonomistas”, na primeira metade do século XX, e foi uma das regiões que mais tarde recebeu a instalação de outras grandes unidades fabris, constituindo-se na principal área industrial do município (Quadro 1; Mapa 1).

¹¹ Antiga Estrada dos Romeiros, antigo caminho de São Paulo. No trecho que atravessa o município de Osasco, atualmente chama-se Avenida dos Autonomistas.

¹² Forma como o citado autor denominou regiões que se localizavam ao redor ou em contato com estações ferroviárias, junto às quais desenvolvia-se um centro comercial.

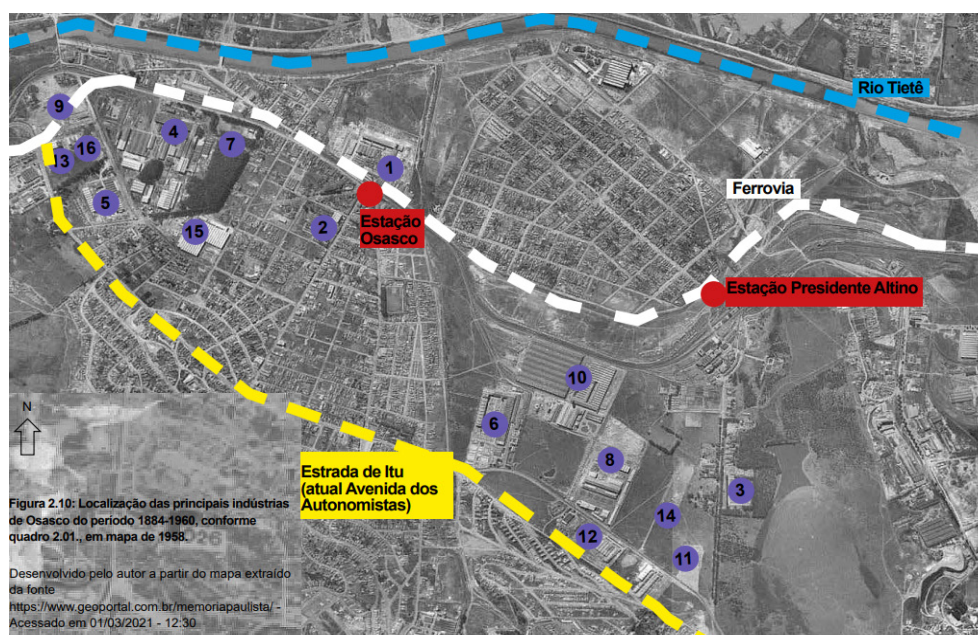
¹³ No mesmo ano, a estação foi denominada Presidente Altino. Atualmente, Presidente Altino é, também, o nome de um importante bairro do município de Osasco, nas áreas adjacentes à estação.

Quadro 1. Relação das principais indústrias do Território Ferrovia-Autonomistas entre 1898 e 1960

Nº	Empresa	Fundação	Ramo
1	Companhia Cerâmica Industrial de Osasco (Hervy)	1898	Cerâmica
2	Fábrica de Tecidos de Algodão Enrico Del'Acqua & Cia (posteriormente Cotonifício Beltramo)	1898	Tecidos
3	Continental Products Company – Frigorífico Continental (posteriormente Frigorífico Wilson)	1915	Processamento de carnes
4	Companhia Sorocabana de Material Ferroviário	1929	Material ferroviário
5	Fábrica de Fósforos Alves e Reis (Fósforos Granada)	1929	Fósforos
6	Eternit do Brasil Cimento e Amianto S.A	1940	Fibrocimento
7	Cobrasma	1944	Material ferroviário
8	Indústria Elétrica Brown Boveri	1957	Material elétrico pesado
9	Cia. Industrial e Mercantil de Artefatos de Ferro (Cimaf)	1950	Cabos de aço
10	Santista	1950	Tecidos
11	Lonaflex	1951	Guarnição para freios
12	Induselet S.A. Indústria de Material elétrico Charleroi	1956	Material elétrico
13	Osram	1955	Lâmpadas
14	Masul S/A – Madeiras Sul Americanas	1952	Madeiras
15	Braseixos Rockwell	1957	Materiais automobilísticos
16	S.A. White Martins	1960	Química

Fonte: Elaborado pelos autores.

Mapa 1. O eixo “Ferrovia-Autonomistas” – localização das principais indústrias (1884–1960)



Fonte: Mapa extraído de Costa (2021, p. 113).

2. A região em dois tempos: 1980 e 2015

Até 1970, Osasco experimentou uma fase de intensa industrialização e urbanização, quando a instalação de grandes plantas industriais atraiu, também, uma grande quantidade de trabalhadores, provenientes, principalmente, do interior do estado de São Paulo, de Minas Gerais e do Nordeste brasileiro (Costa, 2021, p. 115).

De acordo com o VIII Recenseamento Geral de 1970, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Osasco já era o 5º município mais populoso do estado de São Paulo e apresentava 100% de população urbana. A economia do município se baseava na indústria de transformação e influenciava vários outros municípios. Em 1971, havia 179 estabelecimentos industriais de transformação que registravam 14.386 pessoas ocupadas. A indústria de produtos alimentares era significativa, com 22 estabelecimentos e 2.212 ocupações, com destaque para o Frigorífico Wilson, com um total de 1.672 pessoas. (IBGE 1975, p. 6–8)

O aumento da importância industrial na periferia da cidade de São Paulo, como foi o caso do antigo subdistrito de Osasco, na primeira metade do século XX, sobretudo a partir da década de 1940, é explicado pela saturação industrial da região central da cidade de São Paulo, o que fez com que a expansão industrial passasse a se dar nos subúrbios e entorno. Foi nesse período, por exemplo, que a indústria automobilística se estabeleceu em São Bernardo do Campo, Santo André e São Caetano do Sul (Luna e Klein, 2022, p. 76). A instalação das fábricas em Osasco é parte desse processo de concentração industrial na RMSP, explicada pela oferta de grandes terrenos a preços baixos.

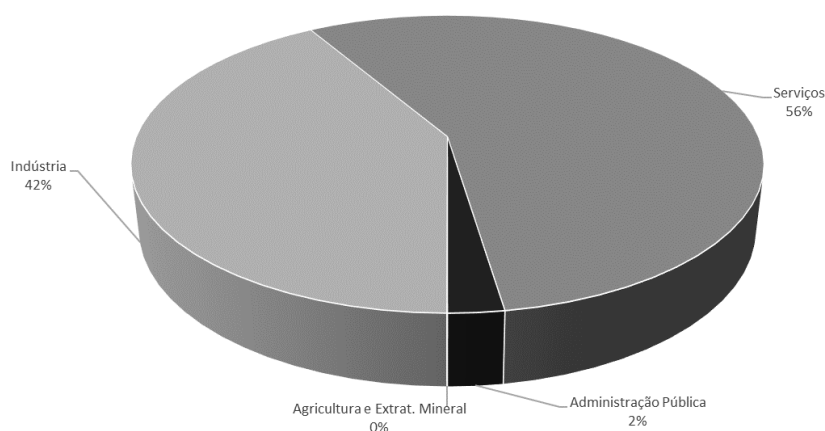
A partir dos anos 1980, no entanto, o setor industrial foi perdendo importância na geração de empregos, e na geração da renda municipal e, o que se refletiu em sua paisagem urbana. Os antigos prédios industriais foram sendo demolidos, dando lugar a grandes empreendimentos comerciais e de serviços.

2.1. As transformações a partir dos anos 1980

A partir de meados dos anos 1980, a cidade, que já se notabilizava como um importante polo industrial, passou a enfrentar intenso processo de reestruturação em seu setor produtivo.

Segundo dados do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), a partir do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS), em 1985, o setor industrial respondia por aproximadamente 42% dos empregos registrados, equivalentes a 42.995 de um total de 103.678 empregos do município. O de serviços, por sua vez, respondia por 56%, 58.159. A agricultura e indústria extrativa possuíam participação ínfima, enquanto os empregos na administração pública respondiam por 2%.

Gráfico 1. Vínculos empregatícios em Osasco: 1985

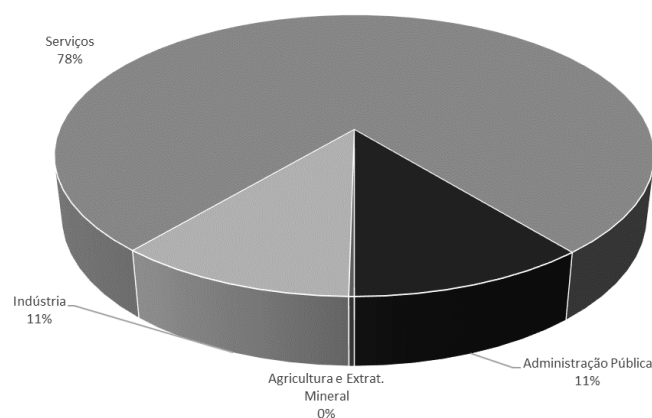


Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

Passados 30 anos de transformações, em 2015 a situação havia mudado significativamente, pois o setor industrial perdera muitos postos de trabalho no município, reduzindo sobremaneira a sua participação,

que caiu para 11% no total dos empregos gerados, ao passo que o setor de serviços passou a responder por 78% dos empregos, que atingiram o total de 169.369 em 2015 (um crescimento de 63,1% frente aos 103.678 de 1985). A participação dos empregos industriais ficou equivalente ao dos postos gerados na administração pública direta e autárquica, que segundo os dados do Ministério do Trabalho e do Emprego (através da RAIS), evoluiu de 2.501 em 1985 para 18.465 em 2015, um crescimento de 640% no período.

Gráfico 2. Vínculos empregatícios em Osasco: 2015



Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

2.1.1. Indústria

Desde os anos 1980, o município de Osasco registrou a saída de várias fábricas de seu território. Muitas unidades de confecção e têxtil, que haviam sido muito importantes na região, começaram a fechar ou transferir suas operações para áreas com custos de produção mais baixos. O mesmo ocorreu com as empresas do setor metalúrgico que se deslocaram ou encerraram as suas atividades, em parte devido também à concorrência internacional e ao câmbio sobrevalorizado que caracterizaram a economia brasileira a partir de 1994¹⁴.

Tais mudanças podem ser claramente observadas nos dados de emprego do setor industrial do município (Tabela 1). Em 1985 eles correspondiam a quase 43 mil, que se viram reduzidos para 18.480 em 2015. Em 1985, o segmento que empregava o maior contingente de trabalhadores era o de material de transporte, com 11.334 registros, seguido pela indústria têxtil e de vestuário, com 7.141, e a indústria de material elétrico e de comunicações, com 5.172. Nos anos de 2005 e 2010, correspondentes aos dois primeiros mandatos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a economia brasileira voltou a apresentar bons resultados econômicos (crescimento anual médio do PIB de 3,9%, apesar da crise financeira de 2008) e alguns segmentos da indústria de Osasco acompanharam esse movimento (principalmente equipamentos de material de transporte e indústria química de produtos farmacêuticos e veterinários).

Tabela 1. Empregos no setor industrial em Osasco: 1985/2015

IBGE Subsetor	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2015
Indústria de Produtos Minerais não Metálicos	1.969	1.690	341	158	117	363	298
Indústria Metalúrgica	4.076	3.504	2.948	3.700	2.349	2.924	1.976
Indústria Mecânica	1.594	2.540	1.904	1.264	1.321	1.356	1.368
Indústria do Material Elétrico e de Comunicações	5.172	3.869	3.195	2.161	1.736	3.122	792
Indústria do Material de Transporte	11.334	9.895	3.133	2.016	4.589	3.625	2.480

¹⁴ Entre 1994 e 2012, a taxa de câmbio média no Brasil foi de R\$ 1,90/US\$ passando a desvalorizar a partir de 2013.

IBGE Subsetor	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2015
Indústria da Madeira e do Mobiliário	636	730	1.114	859	591	323	362
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	3.963	2.763	2.337	2.225	2.132	3.028	2.952
Ind. da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares, Ind. Diversas	1.912	2.806	1.361	956	1.527	1.069	1.090
Ind. Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários, Perfumaria	2.445	2.808	2.822	3.583	4.063	3.688	3.394
Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	7.141	6.457	2.997	2.135	2.343	2.514	1.072
Indústria de Calçados	104	44	19	52	47	20	38
Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e álcool Etílico	2.649	1.552	2.635	3.559	7.693	9.306	2.658
Total Indústria	42.995	38.658	24.806	22.668	28.508	31.338	18.480

Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

Tomando como base o ano de 1985, conforme apresentado na Tabela 2, a participação dos empregados na indústria no total do município representava, em 2015, apenas 43% do contingente inicial. Os únicos segmentos que apresentaram crescimento nesta comparação histórica foram os de produtos farmacêuticos, veterinários e perfumaria, que evoluíram de 2.445 empregos para 3.394, e a indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, que se manteve praticamente estável no período (2.658 em 2015). Nos outros setores industriais, no entanto, os números foram negativos: as indústrias de produtos minerais não metálicos, de material elétrico e de comunicações e a têxtil foram as que apresentaram as maiores reduções de postos de trabalho, acumulando em 2015 o equivalente a 15% do que geravam em 1985. A indústria metalúrgica, antes uma das mais importantes do município, teve o seu número de postos diminuído praticamente à metade em todo o período analisado.

Tabela 2. Evolução dos vínculos empregatícios na indústria em Osasco: 1985/2015 (1985=100)

Segmentos	1990	1995	2000	2005	2010	2015
Indústria de Produtos Minerais não Metálicos	157	17	8	6	18	15
Indústria Metalúrgica	86	72	91	58	72	48
Indústria Mecânica	159	119	79	83	85	86
Indústria do Material Elétrico e de Comunicações	75	62	42	34	60	15
Indústria do Material de Transporte	87	28	18	40	32	22
Indústria da Madeira e do Mobiliário	115	175	135	93	51	57
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	70	59	56	54	76	74
Ind. da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares, Ind. Diversas	147	71	50	80	56	57
Ind. Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários, Perfumaria	115	115	147	166	151	139
Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	90	42	30	33	35	15
Indústria de Calçados	42	18	50	45	19	37
Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e álcool Etílico	59	99	134	290	351	100
Total Indústria	90	58	53	66	73	43

Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

A saída de grandes empresas do município também pode ser verificada numa razão simples, o número de empregados por estabelecimento. Em 1985, as empresas industriais instaladas contavam, em média, 146 funcionários, com algumas possuindo média muito superior, como era o caso da indústria de material de transporte (809,6) e de material elétrico e de comunicações (287,3), que se viram reduzidas no período mais recente, respectivamente para 68,9 e 21,4; o tamanho das fábricas que permaneceram diminuiu sobremaneira em termos de número de vagas oferecidas. Na linha contrária, apenas a indústria de calçados passou a ostentar média superior: de 10,4 em 1985 para 38 em 2015 (destaque-se que sua participação na produção do município é apenas residual) (Tabela 3).

Tabela 3. Empregados por estabelecimento na Indústria em Osasco (média): 1985/2015

Segmentos (IBGE Subsetor)	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2015
Indústria de Produtos Minerais não Metálicos	89,5	62,6	31,0	7,5	7,3	18,2	13,0
Indústria Metalúrgica	74,1	42,2	30,1	28,9	18,8	20,2	15,7
Indústria Mecânica	39,9	46,2	43,3	28,7	22,4	19,1	14,6
Indústria do Material Elétrico e de Comunicações	287,3	154,8	84,1	51,5	48,2	74,3	21,4
Indústria do Material de Transporte	809,6	520,8	111,9	72,0	139,1	106,6	68,9
Indústria da Madeira e do Mobiliário	18,2	13,5	23,2	19,1	13,4	9,5	7,7
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	84,3	43,2	44,1	23,4	21,8	24,6	30,8
Ind. da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares, Ind. Diversas	53,1	46,0	34,0	36,8	41,3	31,4	30,3
Ind. Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários, Perfumaria	69,9	54,0	36,2	39,8	44,6	41,4	41,9
Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	106,6	65,9	38,9	26,0	27,6	24,4	11,9
Indústria de Calçados	10,4	4,4	9,5	26,0	23,5	6,7	38,0
Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e álcool Etílico	115,2	51,7	32,9	32,7	66,3	73,3	19,0

Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

2.1.2. Serviços

Com as saídas das grandes empresas industriais, a atividade econômica do município passou a se concentrar em serviços e comércio, com destaque também para as empresas de tecnologia e serviços financeiros, que teoricamente requerem menor espaço físico e que podem oferecer retornos econômicos bastante significativos, por conta da proximidade à capital paulista.

O comércio se expandiu com a inauguração de Shopping Centers e com a modernização de centros comerciais, atraindo consumidores locais e dos demais municípios vizinhos da RMSP. Concomitantemente, houve melhora da infraestrutura, como transporte e logística, o que facilitou a atração de novas empresas e a movimentação de produtos (como a conclusão do trecho oeste do Rodoanel Mário Covas). Mais recentemente, a cidade também implementou políticas fiscais para atrair investimentos, buscando diversificar a economia local. Grandes empresas de comércio pela internet, como DHL e Mercado Livre, se instalaram na cidade, devido à sua localização e infraestrutura, além dos benefícios fiscais.

Com tais condições, como mostrado na Tabela 4, o setor de serviços experimentou crescimento de aproximadamente 127% no número de empregos gerados entre 1985 e 2015. O comércio varejista foi o que apresentou o maior crescimento absoluto no período, evoluindo de 9.279 em 1985 para 33.484 em 2015, sendo, nesse ano, o maior empregador do município, seguido pelo comércio e administração de imóveis, valores mobiliários e serviços técnicos, com 20.545, e transportes e telecomunicações, com 17.845.

Tabela 4. Empregos no setor de Serviços em Osasco: 1985/2015

IBGE Subsetor	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2015
Serviços Industriais de Utilidade Pública	555	167	247	1.442	614	668	804
Construção Civil	1.620	2.817	2.565	2.137	2.663	5.600	7.432
Comércio Varejista	9.279	9.888	13.556	16.328	19.014	29.359	33.484
Comércio Atacadista	2.358	3.397	4.506	5.473	6.254	11.920	13.788
Instituições de Crédito, Seguros e Capitalização	20.568	17.774	12.125	11.081	13.210	13.779	14.248
Com. e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serv. Técnico...	10.581	6.232	4.999	7.225	8.662	16.568	20.546
Transportes e Comunicações	5.125	5.843	6.785	10.068	11.095	15.095	17.845
Serv. de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação, ...	5.936	8.357	4.361	5.361	7.033	12.410	12.374
Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários	1.695	1.688	2.113	2.026	1.888	2.980	4.583
Ensino	442	868	3.096	3.827	3.759	5.016	6.905
Total	58.159	57.031	54.353	64.968	74.192	113.395	132.009

Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

Em termos relativos, o maior crescimento foi verificado no comércio atacadista, que evoluiu 485% no período, sendo seguido pela construção civil (359%) e transportes e telecomunicações, com 248%. O único segmento de serviços que apresentou redução de postos de trabalho no período foram as instituições de crédito, seguros e capitalização que apresentaram redução de 31% no período, devido fundamentalmente às mudanças tecnológicas ocorridas. Neste segmento, os postos de trabalho eram 20.568 em 1985 e caíram para 14.248 em 2015. Destaque também deve ser dado ao segmento de ensino, que evoluiu de 442 empregos em 1985 para 6.905 em 2015. Tendo como referência inicial o ano de 1985, o setor de serviços como um todo apresentou um crescimento de 127%, como mostra a Tabela 5 a seguir.

Tabela 5. Evolução dos vínculos empregatícios em Serviços em Osasco: 1985/2015 (1985=100)

Segmentos	1990	1995	2000	2005	2010	2015
Serviços Industriais de Utilidade Pública	30	45	260	111	120	145
Construção Civil	174	158	132	164	346	459
Comércio Varejista	107	146	176	205	316	361
Comércio Atacadista	144	191	232	265	506	585
Instituições de Crédito, Seguros e Capitalização	86	59	54	64	67	69
Com. e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serv. Técnico...	59	47	68	82	157	194
Transportes e Comunicações	114	132	196	216	295	348
Serv. de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação, ...	141	73	90	118	209	208
Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários	100	125	120	111	176	270
Ensino	196	700	866	850	1.135	1.562
Serviços	98	93	112	128	195	227

Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

Assim como no setor industrial, o número de postos de trabalho médio por estabelecimentos também apresentou redução no setor de serviços. Nas instituições de créditos já referidas, a média era de 437,6 em 1985 e caiu para 80,5 em 2015, como mostra a Tabela 6 a seguir.

Tabela 6. Empregados por estabelecimento em Serviços em Osasco (média): 1985/2015

Segmentos (IBGE Subsetor)	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2015
Serviços Industriais de Utilidade Pública	111,0	41,8	8,2	120,2	51,2	30,4	44,7
Construção Civil	30,6	24,9	18,6	12,7	17,9	18,0	16,3
Comércio Varejista	6,9	5,9	6,9	6,0	6,2	7,4	8,2
Comércio Atacadista	18,4	17,7	22,4	25,0	26,2	39,1	35,9
Instituições de Crédito, Seguros e Capitalização	437,6	370,3	155,4	127,4	125,8	83,5	80,5
Com. e Administração de Imóveis, Valores Mobiliários, Serv. Técnico...	41,7	18,4	12,4	10,2	11,3	15,9	15,2
Transportes e Comunicações	66,6	65,7	32,9	33,2	28,9	25,6	24,2
Serv. de Alojamento, Alimentação, Reparação, Manutenção, Redação, ...	12,2	13,3	8,0	7,1	8,9	11,4	9,2
Serviços Médicos, Odontológicos e Veterinários	27,3	22,5	11,4	6,1	5,3	6,7	8,8
Ensino	9,2	14,5	30,1	21,0	16,9	18,6	21,2
Total	35,5	27,0	20,0	15,8	17,4	18,2	16,5

Fonte: Elaboração dos autores com dados de MTE/RAIS.

2.2. A mudança do perfil econômico

As transformações ocorridas em Osasco mantiveram coerência com as transformações ocorridas na capital paulista e em sua região metropolitana a partir do final dos anos 1980, quando a economia brasileira (e por extensão a capital paulista e sua região metropolitana) conheceu um expressivo processo de reestruturação produtiva, que pode ser caracterizado como um conjunto de mudanças simultâneas expressas, entre outras: pela passagem da modalidade de acumulação taylorista/fordista/fayolista para a acumulação flexível ou toyotista; pela revolução técnico-científica, que desencadeou a chamada terceira revolução industrial, evidenciada na generalização da automação, da robótica e da informática nos processos produtivos e administrativos; por mudanças nas formas de gestão das empresas; e, ainda, pelo processo de mundialização do capital, com a maior liberalização e circulação dos fluxos de capital, serviços e mercadorias.

Uma das facetas mais evidentes de tais transformações encontra-se no fato de que as grandes empresas puderam, a partir de então, desvincular os espaços de produção dos espaços de gestão e de projetos, deslocando suas unidades produtivas para espaços onde os custos associados à produção e circulação de mercadorias fossem menores.

Tal possibilidade deve ser observada em conjunto com outros processos desencadeados pelas transformações em curso, como a necessidade de mudanças na organização das plantas industriais impostas pelas novas tecnologias e formas de ordenação da produção e também pela intensificação de deseconomias de aglomeração, entre as quais podem ser citadas: o aumento do custo dos terrenos urbanos e dos impostos territoriais; a dificuldade de funcionamento das fábricas e da distribuição de sua produção, devido ao surgimento de vários constrangimentos urbanos, como a ampliação dos congestionamentos de trânsito, a maior restrição à circulação de caminhões de grande porte, poluição ambiental e sonora; e, finalmente, a mobilização da sociedade local em reação às dificuldades impostas por esses constrangimentos (Costa, 2021, p. 129).

3. As empresas de Osasco

Os desdobramentos das transformações socioeconômicas e espaciais em Osasco são mais evidentes quando observamos o eixo “Ferrovia–Autonomistas”, área que sofreu intensa modificação. A fim de darmos concretude a esse processo, apresentamos neste tópico a trajetória de algumas importantes empresas que ali (ou em sua proximidade) se situavam. Entender a participação delas na formação da identidade econômica local e de que maneira ocorreu a desativação de suas plantas industriais (no caso de quatro delas) ou a sua permanência (no caso da Braseixos) permite maior compreensão do processo de reordenamento econômico e espacial pelo qual Osasco passou.

3.1. O Frigorífico Continental/Wilson

O frigorífico foi fundado na região em 1915, visando abastecer o mercado externo e, em parte, a capital paulista, que passava por crescimento urbano e populacional. De capital norte-americano, constituiu-se num dos maiores do estado de São Paulo, chegou a empregar mais de 1.200 pessoas e foi um dos responsáveis pela urbanização da região de Osasco.

Ao tratarem dos investimentos estrangeiros no início da industrialização do Brasil, Suzigan e Szmrecsányi (2002, p. 267), destacaram o setor de processamento de carnes como um dos setores que iniciaram suas atividades com predomínio do capital estrangeiro. Segundo os autores, o capital internacional efetuou investimentos diretos nesse setor com o objetivo de explorar e processar matérias-primas locais tendo em vista a exportação. Deste modo, o setor de frigoríficos¹⁵ nasceu, no Brasil, dominado pelos capitais oligopolistas britânico e norte-americano, que também se dirigiram à Argentina e ao Uruguai, a fim de exportar carnes processadas.

O período situado entre 1913 e 1923 foi crucial para a consolidação do setor frigorífico. Investimentos estrangeiros, principalmente norte-americanos e britânicos, foram realizados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil para atender à demanda internacional durante e após a Primeira Guerra Mundial (Guimarães e Campos, 2012, p. 5). Empresas líderes mundiais que aqui investiram foram: Continental Products Company (posteriormente Wilson); Brazilian Meat Co.; Armour; e Swift. Essas empresas de capital estrangeiro controlavam a indústria de carnes no país. Segundo Suzigan e Szmrecsányi (2002, p. 269), em meados da década de 1930, juntas detinham 95% da capacidade nacional de abate e processamento de gado bovino e 87% da de suínos e ovinos.

A empresa Continental Products Company, em 1915, estabeleceu-se nos limites do município de São Paulo (atualmente o bairro de Presidente Altino, município de Osasco), em uma propriedade de 242 hectares (Gimenes, 1978, p. 20). Todo o seu maquinário e equipamentos foram importados. O frigorífico era controlado pelo grupo Schwartzchild & Sulzberger, de Chicago (EUA), que foi absorvido pela Wilson & Co., a terceira maior empresa do oligopólio da carne nos EUA (Suzigan e Szmrecsányi, 2002, p. 267).

Utilizando a rede ferroviária paulista para a coleta do gado gordo das áreas de invernadas no interior de São Paulo, alcançou uma das maiores capacidades de abate de bovinos, suínos e outros animais do Brasil. Chegou a abater 2.000 suínos/dia em 1933 (Gimenes, 1978, p. 141).

Um fato importante é que o frigorífico exigia energia elétrica para o funcionamento de suas câmaras frias. Essa demanda foi atendida pela Companhia Light and Power que era a responsável pelo abastecimento de energia para a região central do município de São Paulo. Até 1922, a região onde estava instalado o frigorífico não contava com energia elétrica. Esse serviço, portanto, era fornecido apenas para a empresa.

¹⁵ De acordo com o Decreto nº 30.691, de 29 de março de 1952, os estabelecimentos de carnes e derivados levam diferentes classificações. Entre elas estão: matadouros-frigoríficos; matadouros; e charqueadas. Entende-se por “matadouro-frigoríficos” o estabelecimento dotado de instalações completas e equipamento adequado para o abate, manipulação, elaboração, preparo e conservação das espécies de açougue; possuirá instalações de frio industrial. Entende-se por “matadouro” o estabelecimento dotado de instalações adequadas para a matança de quaisquer das espécies de açougue, visando o fornecimento de carne em natureza ao comércio de carne e sem dependências para industrialização. Entende-se por “charqueadas” o estabelecimento que realiza matança com o objetivo principal de produzir charque.

Na década de 1920, imigrantes armênios se agruparam na várzea de Presidente Altino, próxima ao frigorífico, e boa parte deles se engajou nos trabalhos da companhia. Para abrigar seus trabalhadores, o frigorífico construiu cerca de 300 casas. A empresa, por isso, pode ser considerada responsável pela urbanização da região:

Inicialmente eram sobretudo os operários das fábricas que procuravam ali fixar residência, em virtude da proximidade do local de trabalho e devido em parte à aquisição de casas por parte da Cia. Wilson para seus primeiros 350–400 operários, por volta de 1914, quando iniciou suas atividades. Isso levou P. Petrone a assinalar que a Cia. Wilson contribuiu para a formação do aglomerado urbano de Presidente Altino. Posteriormente, Osasco passou a ser procurada pela possibilidade de serem encontrados ali terrenos baratos para construção da casa própria ou localização. Isto levou a disseminação da mão de obra para os dois grandes e mais antigos estabelecimentos frigoríficos: Bordon (antiga Armour) e Comabra (ex-Wilson). (Gimenes, 1978, p. 172–173)

Os grandes frigoríficos estrangeiros, incluindo o Wilson, estabeleceram-se nos arredores da capital paulista e introduziram o chamado “modelo” de Chicago. Segundo Gimenes (1978), esse modelo caracterizava-se pela dimensão das unidades (grande porte) e pelo vasto raio de coleta (de até 400 km aproximadamente). Essa segunda característica, ainda segundo o autor, obedecia a três diretrizes: 1) os grandes frigoríficos deviam ocupar uma posição central em relação às áreas de engorda, dentro do raio de coleta; 2) deviam ter conexão com várias áreas de internadas, não dependendo exclusivamente de uma área de engorda; 3) a localização do frigorífico devia estar próxima a uma grande cidade e ao entroncamento de circulação ferroviária, com acesso ao porto de exportação (Gimenes, 1978, pp. 149–150).

Durante a Segunda Guerra Mundial, as exportações de carne cresceram desordenadamente, levando à redução do rebanho e à intervenção do governo para limitar o abate e as exportações. Os frigoríficos estrangeiros dominaram o mercado de carnes até 1955–57, quando seus abates alcançaram o volume máximo: Armour, 1.100–1.300 cabeças/diárias, Wilson, 1.000–1.200 cabeças/diárias, e Swift, 600–700 cabeças/diárias. (Guimarães e Campos, 2012, p. 28).

Após esse período, os poderosos grupos estrangeiros entraram em declínio: a companhia Armour foi vendida para o grupo Bordon em 1964; e o ramo brasileiro da Wilson foi vendido para acionistas brasileiros e teve sua razão social alterada para Comabra Indústria e Comércio de Alimentos Ltda. (Gimenes, 1978, p. 79–80). Em 1992, a Sadia, atualmente BRF, um dos maiores produtores e exportadores globais de alimentos, o adquiriu definitivamente. A planta de Osasco foi fechada logo em seguida. Suas instalações foram demolidas e em seu lugar foram construídos torres de prédios residenciais, parque, uma universidade e uma garagem de ônibus.

3.2. Eternit do Brasil Cimento e Amianto S.A.

A Schweizerische Eternitwerke AG foi fundada em 1903 pelo empresário suíço Alois Steinmann que transformou em produção industrial a patente do austríaco Ludwig Hatschek, que criara em 1901 uma fórmula de cimento amianto batizada Eternit, inspirada pelo vocábulo latim *aeternitas*. Nas primeiras décadas do século 20, vários empresários obtiveram licenças de Hatschek para produzir cimento amianto: após a suíça, foi fundada em 1905 a Eternit belga, e em 1922, a Eternit francesa. O patenteador permitia que apenas uma empresa usasse o nome “Eternit” nos diferentes países. No Brasil, a primeira autorização foi obtida em 1907 pela empresa Pantaleone Arcuri & Spinelli, de Juiz de Fora (MG), que logo encerrou suas atividades nesse segmento (Giannasi, 2012, p. 64). Na década de 1930, as empresas europeias já estabelecidas, como a suíça, belga e francesa passaram a prospectar mercados em outros continentes, especialmente quando estes possuíam potenciais reservas de amianto, como foi o caso brasileiro.

Em movimento paralelo, a Sociedade Anônima Mineração de Amianto (SAMA) foi fundada no Brasil, em 1939, obtendo a autorização para explorar a mina São Félix no município de Poções, atualmente Bom Jesus da Serra (BA). Logo após obtê-la, em 1940, a empresa foi adquirida pela S.A. Brasilit, pertencente ao grupo francês Compagnie Pont-à-Mousson, que depois alterou seu nome para Saint-Gobain. No início do ano seguinte, a Eternit do Brasil Cimento Amianto S.A. foi constituída pela Eternit suíça, controlada pela família

Schmidheiny. A família já controlava o grupo suíço desde 1920, passando por diversas reorganizações e alterações de propriedades, até que, em 2003, desligou-se totalmente com a venda à empresa Swisspor Holding. A decisão de abandonar gradualmente a produção com base no amianto já tinha sido tomada em 1978 (Knoepfli, 2012, p. 28).

A fábrica da Eternit em Osasco começou a ser construída em agosto de 1941 e foi concluída em 1942. Osasco se tornou assim uma das principais unidades de produção de materiais de construção à base de amianto no Brasil, participando da expansão da infraestrutura nacional no século 20, no segmento da construção civil. Desde o início de suas atividades até 1993, a unidade de Osasco empregou mais de 10 mil trabalhadores. Em seus melhores períodos de produção, empregou simultaneamente cerca de 2 mil trabalhadores. Segundo seus antigos funcionários, trabalhar na Eternit era motivo de orgulho junto às famílias da região, pois a empresa pagava um salário que podia superar em 20% a média regional e tinha uma estrutura de lazer que podia ser utilizada por elas, entre outros benefícios¹⁶.

Em 1967, a Eternit brasileira tornou-se parceira da Brasilit (pertencente à Saint-Gobain), adquirindo 49% do capital da SAMA, que então inicia atividades na mineração da fibra na mina de Cana Brava em Minaçu (GO), ainda em atividade em 2024, pois a mineração do amianto é permitida naquele estado. Durante várias décadas, a Eternit dominou o mercado de materiais de fibrocimento, utilizando amianto em muitos de seus produtos e expandiu suas atividades para outros estados do país (Giannasi, 2012).

A Eternit encerrou suas operações na fábrica de Osasco em 1993. Assim como nas demais empresas do município estudadas, o encerramento da unidade pode ter sido também fortemente influenciado pelas transformações econômicas enfrentadas no país e na RMSP. Mas, no caso específico da Eternit, o fechamento da unidade foi influenciado por outros fatores, como a pressão ambiental e, ainda mais grave, os de saúde pública, devido ao crescente reconhecimento dos riscos associados ao uso do amianto, substância considerada cancerígena pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (em decorrência disso, em Osasco foi fundada uma organização dos trabalhadores afetados pelo produto). Desde 2005, a Saint Gobain é a principal acionista da Eternit no Brasil.

Após o encerramento das operações, a fábrica de Osasco se tornou um marco importante nas discussões sobre os impactos da exposição ao amianto. Muitos ex-funcionários e moradores da região desenvolveram doenças relacionadas à sua exposição, o que levou a processos judiciais e à luta por reparação e justiça ambiental. No cenário global, conforme as descobertas das consequências de seu uso e extração foram se disseminando pelas comunidades médica, jurídica e ambiental, sua utilização foi sendo banida em diversos países. Esse processo iniciou na Islândia em 1983 e, atualmente, cerca de 60 países já baniram o seu uso (Giannasi, 2012).

O fechamento da fábrica em Osasco marcou uma fase significativa na trajetória da Eternit no Brasil, com a empresa passando a enfrentar diversas ações legais relacionadas ao uso do amianto em seus produtos. Em 2017, o Supremo Tribunal Federal (STF) proibiu definitivamente o uso de amianto no Brasil, o que forçou a empresa a reestruturar suas operações e buscar alternativas para substituir o amianto (Supremo..., 2017). A fábrica de Osasco foi totalmente demolida e no local foram construídos condomínios de torres residenciais, salas comerciais e um complexo imobiliário com shopping center e supermercado.

Em 2008, a Eternit adentrou o segmento de louças sanitárias, utilizando, contudo, a atividade de terceiros. Em seguida, em 2012, passou a atuar, também, no setor de metais sanitários. Em 2014 e 2016, a companhia iniciou a produção própria de louças sanitárias e de fibras sintéticas de polipropileno, respectivamente. No início de 2018, afetada pela proibição do uso de amianto no Brasil, registrou pedido de recuperação judicial e incrementou o processo de transição total do uso de fibra de amianto para a fibra de polipropileno.

Em 2024, a Justiça aprovou o encerramento do processo de recuperação judicial da Eternit: “A sentença de encerramento da recuperação judicial reconhece que o Grupo Eternit cumpriu todas as obrigações assumidas frente aos credores que se venceram até o momento, tendo implementado com sucesso todas

¹⁶ Eliezer João de Souza, presidente da Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto (comunicação pessoal, 6 agosto, 2024).

as medidas previstas, conforme os prazos, termos e condições estabelecidos”, de acordo com a empresa (Eternit S/A, 2024).

Apesar da proibição da utilização do amianto crisotila no Brasil, a empresa ainda pode vender a fibra para outros países — com respaldo de uma lei de 2019 que autoriza a extração do minério em Goiás para fins de exportação. Tem como principais compradores a Índia e países do Sudeste Asiático (Supremo Tribunal Federal, 2019).

3.3. Brown Boveri

Asea Brown Boveri (ABB) é o nome atual e aquele com o qual a empresa, situada à avenida dos Auto-nomistas, 1496, Vila Campesina, Osasco, passou a ser chamada a partir de 1988, devido à fusão da ASEA, empresa sueca, fundada em 1890, e da Brown Boveri, empresa suíça, fundada em 1891. Foi, no entanto, como Brown Boveri que a empresa iniciou suas operações em Osasco, no ano de 1957.

A presença da Brown Boveri já era marcante no Brasil. Sua primeira atuação, que a deixou famosa, remonta a 1912, quando foi responsável pela instalação do “bondinho do Pão de Açúcar”, no Rio de Janeiro. Nas décadas posteriores, se manteve como fornecedora, via importação, de equipamentos elétricos pesados e tecnologicamente avançados para as usinas hidrelétricas construídas no Brasil.

A instalação da Brown Boveri em Osasco relaciona-se, diretamente, ao contexto da economia brasileira nos anos 1950. Nessa década, o Estado brasileiro, por meio de sua ação interventora, procurava, via estabelecimento do departamento de bens de produção, “completar” e dar maior autonomia ao processo de industrialização, que havia sido desencadeado a partir dos anos 1930, fazendo com que a economia ingressasse no período da “industrialização pesada” (1956–1980) (Cano, 2007, p. 09).

A instalação desse tipo de indústria no Brasil visava superar a dificuldade de importação de bens de capital, gerada pela crise cambial pela qual o país passava. Em conferência proferida em 18 de agosto de 1955 (O Observador..., 1955, p. 23), no Grêmio Politécnico da Universidade de São Paulo, o General de Brigada Carlos Berenhauser Júnior, membro da Subcomissão de Planejamento, faz referência à associação da Brown Boveri com o “Projeto Indústria Dínamo Elétrica do Brasil (IDEB)” e à construção de uma planta da empresa em Osasco que permitiria, inicialmente, a produção de transformadores de capacidade 2,5 vezes maior do que os produzidos no Brasil até aquele momento¹⁷. Foi, no entanto, com a manutenção da Instrução 113 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC)¹⁸, de 1955, e com a ação indutora da aceleração industrial, consubstanciada no Plano de Metas, de 1956, que as grandes empresas estrangeiras de material elétrico pesado tiveram estímulos para se estabelecerem no Brasil e, dentre elas, a Brown Boveri, em Osasco, naquele momento subdistrito e bairro da capital paulista (Sasse & Saes, 2016, p. 210–211).

É importante lembrar que o Plano de Metas tinha no seu setor I, o de energia, a sua principal prioridade, destinando, para tal, 43,4% do investimento inicialmente planejado para a consecução total do plano. Duas metas explicitavam esse caráter prioritário: a “Meta 1 – Energia Elétrica – elevação da potência instalada de 3.000.000 kw para 5.000.000 kw até 1960 e ataque de obras que possibilitarão o aumento para 8.000.000 kw em 1965”; e a “Meta 29 – Indústria Mecânica e de Material Elétrico Pesado – Implantação e expansão da indústria mecânica e de material elétrico pesado” (Franca, 2019, p. 41–43).

Foi nesse contexto que a Brown Boveri entrou em operação, em Osasco, em agosto de 1957, após um investimento inicial de 400 milhões de cruzeiros, sendo 300 milhões da própria empresa e o restante de origem nacional. Dos recursos de origem nacional, o BNDE financiou 65%. A indústria iniciou o seu programa de fabricação com a produção de transformadores de 100.000 kVA; transformadores de regulação de tensão; disjuntores a ar comprimido de até 220.000 Volts; e aparelhos de ligação e medição de até 220.000 volts (O Observador..., ed. 257, 1957, p. 5). A escolha por Osasco, naquele momento bairro de São Paulo, se vinculava à possibilidade de acesso a grandes terrenos a baixo custo, visto que a empresa pretendia expandir sua planta industrial nos anos seguintes.

¹⁷ A capacidade máxima dos transformadores produzidos era 88 kV e passaria, com a nova fábrica, a ser de 220 kV (O Observador..., 1955, p. 35).

¹⁸ A instrução 113 regulamentou a importação de bens de capital sem cobertura cambial pelas firmas estrangeiras.

Nesse sentido, a empresa assinou, logo na sequência, em 1958, novo contrato com o BNDE, que permitia a captação de recursos de até 311 milhões de cruzeiros, numa parceria entre a empresa, o banco e agentes privados, visando ao aumento de sua produção de transformadores e iniciar a produção de geradores (O Observador..., ed. 269, 1957, p. 6). Em um anúncio comemorativo dos seus dez anos, publicado na revista *Realidade* (setembro, 1967, p. 29), a Brown Boveri afirmou ter passado, neste intervalo de tempo, de uma centena de trabalhadores para 2.700, com instalação de 61 mil metros quadrados e estar exportando reatores de 50.000kVAs para a Venezuela e transformadores trifásicos de 40.000kVAs para a Colômbia.

A presença da Brown Boveri em Osasco, transformado em município autônomo em fevereiro de 1962, passou a ser marcante, a ponto de uma das justificativas para a criação da escola técnica de nível médio, o Instituto Tecnológico de Osasco, em 1968, ter sido a da necessidade de formar uma força de trabalho capacitada para atender as grandes empresas industriais do município (Siqueira, 2007, p. 39) e, dentre elas, principalmente a Brown Boveri.

Entre os anos de 1962 e 1972, segundo o semanário *Opinião*, órgão de imprensa oposicionista à Ditadura Militar, a Brown Boveri, apesar de ter ampliado o seu número de empregados de 1.063, em 1963, para 2.675, em 1967, acumulou prejuízos em suas operações no Brasil. Esses prejuízos foram cobertos por remessas de 36 milhões de dólares, por parte da matriz suíça, no mesmo período (Opinião, 1974, p. 14). Tal prejuízo, no entanto, teria sido deliberado e estaria relacionado com a prática de venda de produtos abaixo do custo de produção, com o objetivo conquistar mercado relativamente a empresas nacionais que competiam com ela. Dessa forma, a empresa teria assumido o controle de empresas nacionais como a Resilan (1969) e a Transistol (1972) e enfrentou um longo processo no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), movido pela empresa Codima, no qual foi absolvida, em 1974. Após esse período, a Brown Boveri conheceu um importante período de expansão, vinculado à venda de equipamentos para várias hidrelétricas brasileiras, em construção.

Após a fusão em 1988 com a ASEA, a empresa permaneceu produzindo equipamentos elétricos de grande porte em Osasco. No ano 2000, a empresa deixou de produzir esses equipamentos na fábrica de Osasco, transformando seu galpão industrial em uma unidade destinada à manutenção de equipamentos. O fechamento da unidade produtiva é normalmente explicado por uma diretriz geral da sede mundial da empresa. Apesar de este ser o motivo primordial, outras explicações podem ser aventadas, tais como a valorização de seu terreno, considerando que no local viriam a se instalar um shopping center e empresas atacadistas.

3.4. Fábrica de Tecidos Tatuapé S.A. (Santista Têxtil)

Em 1929, a Fábrica de Tecidos Tatuapé foi criada como subsidiária da S.A. Moinho Santista (fundada em 1905 e adquirida em 1908 pela Bunge & Born), que iniciara a produção destinada a suprir as necessidades de sacaria de sua atividade de moagem em 1925, em unidade têxtil instalada em São Paulo. Passando então a ser conhecida como Santista Têxtil, a Fábrica de Tecidos Tatuapé construiria em 1948 a “Fábrica de Osasco”, “revolucionando a arquitetura industrial têxtil no Brasil” (Humberg, 2004, p. 16). A Fábrica de Osasco foi instalada no km 17,5 da estrada de Itu, em área de pasto do Frigorífico Wilson, onde posteriormente também se instalaria a Brown Boveri. Nas proximidades, além do Frigorífico Wilson e da fábrica da Eternit, localizam-se um quartel do Exército e o depósito de café do Instituto Brasileiro do Café. O algodão chegava diretamente à fábrica por meio de um desvio da Estrada de Ferro Sorocabana (Humberg, 2004, p. 76–77).

A construção ocorre em momento de reestruturação do parque têxtil da empresa, após ter passado pela Segunda Guerra Mundial sem perda de rentabilidade ou de capacidade produtiva, graças à antecipação da formação de estoques de peças e acessórios. O fechamento de unidades mais antigas, a ampliação e modernização da Fábrica do Belenzinho (com extinção da fiação de algodão e início da tecelagem de lã) e a construção da Fábrica de Osasco inseriam-se no projeto de modernização da empresa. Esta última teria sido “cuidadosamente projetada em cada detalhe, tornando-se um modelo de organização industrial no País” (Humberg, 2004, p. 74): “Pela primeira vez no País, empregava-se, numa fábrica têxtil, um sistema de concreto armado na cobertura e um teto em forma de abóbada” (Humberg, 2004, p. 76). Na Fábrica de Osasco intentava-se a produção de tecidos em larga escala, com altos níveis de produtividade. Para tanto,

a fábrica contaria com maquinário norte-americano e formação dos futuros supervisores por funcionários treinados nos Estados Unidos.

Dedicada inicialmente à produção de sacaria, a Fábrica de Osasco passaria, a partir de 1951, a produzir lençóis, como parte de uma estratégia de diversificação da produção e de busca de novos consumidores. A industrialização da produção de lençóis, tradicionalmente fabricados de forma artesanal, teria representado uma revolução nas formas de comercialização e nos hábitos de consumo. A experiência bem-sucedida abriria o caminho para a produção de novos produtos na Fábrica de Osasco, que tornariam a Santista “líder no mercado de produtos industrializados de cama e banho” (Humberg, 2004, p. 81).

Dando continuidade à expansão de sua produção, em 1958 seriam inauguradas, no km 17 da Estrada de Itu, em Osasco, as novas instalações de tinturaria da S. A. Moinho Santista, consideradas um “passo significativo na marcha da industrialização brasileira” (Inauguradas..., 1958, p. 1). Contando com máquinas alemãs e suíças para o alveamento, tingimento e acabamento de tecidos, as novas instalações permitiriam também atender à demanda por tecidos de cores para vestimenta de trabalho. A Fábrica de Osasco se tornaria uma referência para as demais unidades da Santista Têxtil (Humberg, 2004, p. 96). Nela foi instalada, em 1971, uma unidade-piloto para a produção de toalhas, que depois se desenvolveria em fábrica a ser instalada no Nordeste. A decisão da empresa, em 1974, de ingressar no mercado de brim destinado à confecção de *jeans*, também teria a Fábrica de Osasco como centro de desenvolvimento dessa tecnologia, sendo nela realizados os primeiros estudos para essa produção — “tingimento do fio, tecelagem, lavagens e acabamentos especiais” (Humberg, 2004, p. 114). Em 1981, contando 2.300 funcionários, essa fábrica era a maior unidade da Santista.

Em 1975, a fábrica passou a produzir o “legítimo Denim índigo blue”, cuja produção era parcialmente vendida para a americana Lévi-Strauss. A empresa continuaria se expandindo na década de 1980, apesar da crise econômica, da elevação dos preços do algodão e da necessidade de modernização do parque fabril têxtil que, sob restrições às importações de equipamentos e falta de financiamento, enfrentava dificuldades para competir no mercado internacional. Em 1988, a Santista Têxtil liderava a produção de denim e casimiras no Brasil, bem como de tecidos para roupas profissionais, sendo, ao final da década, líder em vendas ao exterior do setor têxtil.

A crise do início dos anos 1990 e a abertura do mercado às importações implicariam dificuldades para a indústria têxtil, que passaria por processo de reestruturação. A elevação dos custos de produção na capital paulista (mão de obra, energia, abastecimento de água etc.) e problemas de logística levariam à desativação da unidade do Belenzinho da Santista, com a transferência de suas atividades, em 1991, para a Karibê S. A. Indústria e Comércio (Santa Isabel-SP), adquirida em 1988.

A unidade de Osasco, que, em 1990, tinha capacidade de produção de 3,8 milhões de metros lineares de brim, figurava nos planos da Santista Têxtil de passar a produzir linho, com tecnologia e matéria-prima italianas (Santista..., 1992, p. 8). Contudo, a empresa passaria por processo de reestruturação a partir desse ano, com estudos demonstrando a pertinência da concentração de suas atividades na divisão de vestuário (o que envolveria a fusão com a Alpargatas e a busca de fusões no setor). A desativação da unidade de Osasco, que apresentava elevados custos de produção, além de problemas de abastecimento de água e tratamento de efluentes, inseria-se nesse processo de reestruturação da Santista. Com a demolição da unidade de Osasco, no local foram construídos condomínios residenciais verticais, salas comerciais, supermercado e restaurante.

3.5. Braseixos (atual CDBS)

Com a instalação da indústria automobilística no centro da política de metas do governo Juscelino Kubitschek (1956–1960), a Cobrasma (Companhia Brasileira de Material Ferroviário) organiza a OPA (Oficina de Peças de Automóveis), embrião para a criação, em julho de 1956, da Cresa-Cobrasma, Rockwell Eixos S.A, sendo as suas instalações industriais inauguradas em novembro de 1959. Inicialmente pensada como investimento somente da Cobrasma, nos preparativos para sua constituição, estrategicamente, optou-se por vínculos com o capital americano, ainda minoritário, o que facilitou para sua implantação a importação de maquinário, treinamento de pessoal, acesso à tecnologia, financiamentos internacionais e o “respaldo” americano. O que acabou sendo, no debacle da Cobrasma ao longo do tempo, estratégia de sobre-

vivência, pois foi vendida para os sócios americanos, em pedaços, até que em junho de 1987 a Rockwell do Brasil Ltda assume o seu controle total (Motta, 2023).

Desde o seu início, ao contrário da Cobrasma ligada ao setor ferroviário, o vínculo da Braseixos com a indústria automobilística a favoreceu. Sua estreita ligação com a indústria dinâmica da economia, a expôs ao mercado internacional de peças e a obrigou a buscar inovações produtivas e organizacionais. No processo histórico, a empresa apurou o negócio e em decorrência das exigências de mercado, ajustou a produção, como uma volta às suas origens, vendendo divisões e se especializando em eixos para veículos comerciais pesados. Atualmente, é a principal fornecedora de peças de reposição para caminhões e ônibus da América do Sul, líder global presente em 19 países.

Ao completar 60 anos em 2016, era considerada a maior fábrica de eixos para caminhões e ônibus da América do Sul; apesar de o país e a indústria estarem em crise, a empresa continuou o investimento em modernização. Entre 2011 e 2016, realizou investimento de US\$25 milhões no desenvolvimento de pessoas, produtos e processos, embora também tenham ocorrido no período demissões generalizadas (Reis, 2016). A empresa que no passado contou com 4 mil funcionários, atualmente, com produção muito maior, conta com cerca de 1.200 funcionários, dos quais quatrocentos são terceirizados.

As mudanças empresariais nos negócios globais impactaram a empresa no Brasil. Em seu início chamava-se Cobrasma Rockwell Eixos S.A; em 1961 teve seu nome alterado para Rockwell S.A; em 1973, Braseixos S.A. Em 1987, a Rockwell adquiriu o controle total da Braseixos, que passou a denominar-se Braseixos-Rockwell, depois Braseixos; em seguida, alterou novamente para Rockwell-Braseixos. Em 1997, com o desmembramento da Rockwell International, a operação brasileira se integra à Meritor, com sede em Troy (estado do Michigan), nos Estados Unidos. Em 2000, é realizada a fusão internacional entre a Meritor e a Arvin Industries, Inc.; com isto passa a se chamar Arvin-Meritor; em 2011, a Arvin vende globalmente sua divisão de rodas, e retorna à Meritor Inc. Em agosto de 2022, a Cummins Inc., líder mundial em energia e tecnologia, realizou a aquisição da Meritor International. No Brasil, depois de uma fase de transição, a Meritor passou a se denominar CDBS (Cummins Drivetrain and Braking Systems)

Tendo em vista o processo acelerado de desindustrialização de Osasco, como explicar a decisão da empresa de não ter também migrado, dado que está situada no centro da cidade? A empresa antes da pandemia tinha preferência de compra de terreno no município de Roseira na microrregião de Guaratinguetá (SP), para construção de nova unidade. Para muitos, seria o primeiro passo para sua transferência. O investimento necessário para a construção seria de R\$ 200 milhões¹⁹, e levaria dois anos para iniciar a produção. No entanto, como o retorno das atividades pós-pandemia foi rápida, a demanda reprimida era imediata e havia riscos de perda de participação no mercado. A opção foi investir mais R\$ 50 milhões na fábrica de Osasco, com resposta imediata no aumento da produção.

Para Edson Cogo²⁰, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, há 33 anos na empresa, quando da iniciativa de transferência da montagem (carro chefe) para Roseira, o Sindicato organizou a resistência, com o apoio da Prefeitura, inclusive por suspeitar que era um primeiro movimento para a sua transferência total. Além do possível interesse da empresa, o capital imobiliário tinha e mantém interesse na incorporação da sua área. No caso da pressão externa, o fluxo de caminhões foi ajustado para diminuir os efeitos no trânsito.

Carlos Ricardo Calegari²¹ e Waner Luis Carboni²², que foram da alta direção da empresa, entendem o movimento para sair do município, mas avaliam que a transferência envolveria custos a fundo perdido (sem retorno). A permanência se deu então por uma questão estratégica, mesmo quando de 1987 até 1995/96, operava no prejuízo. A fábrica se transformou com tecnologia de ponta e mudanças organizacionais: a forjaria produzia 80% para a própria empresa, com equipamentos antigos que exigiam investimentos pesados, o que motivou a empresa a fechar a área e comprar o produto pronto de outras em-

¹⁹ Cf. <https://www.autodata.com.br/noticias/2020/07/10/meritor-suspende-investimento-em-nova-fabrica/31579/>

²⁰ Edson Cogo (comunicação pessoal, 07 agosto, 2024).

²¹ Carlos Ricardo Calegari (comunicação pessoal, 30 julho, 2024).

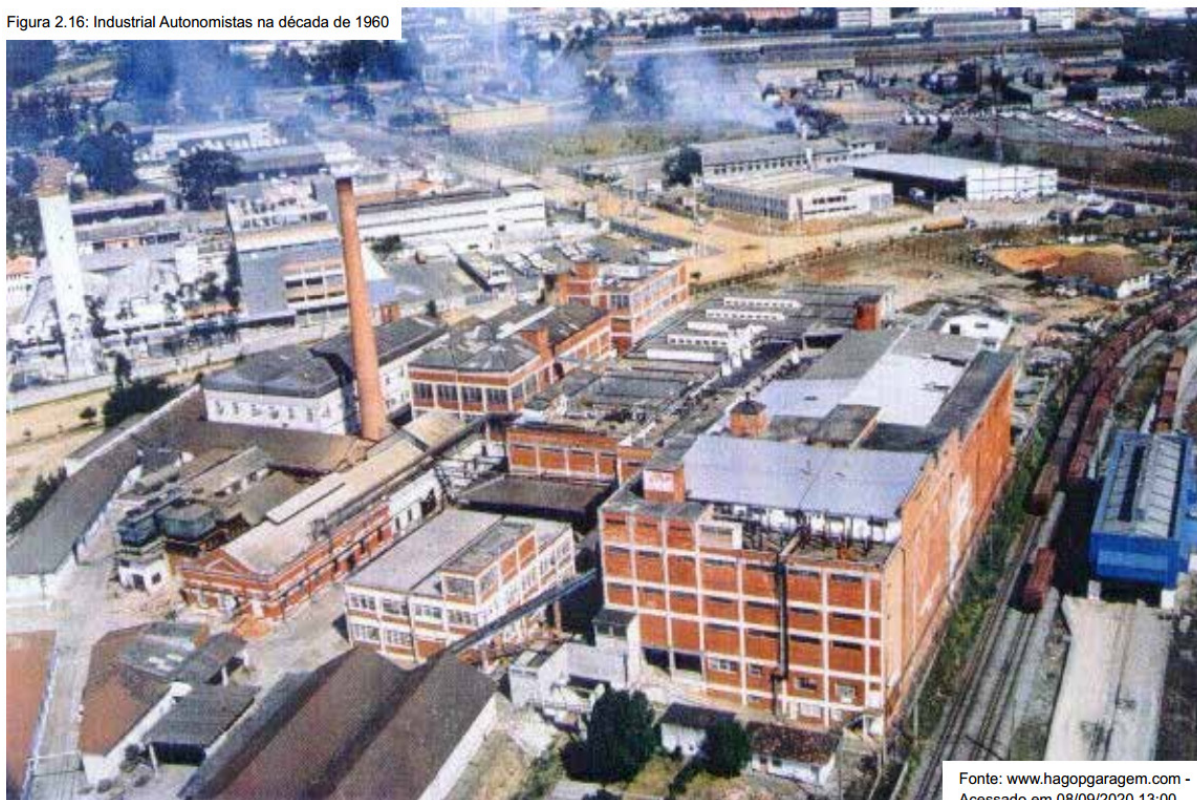
²² Waner Luis Carboni (comunicação pessoal, 30 julho, 2024).

presas, permitindo custos menores de produção. Esta e outras medidas permitiram que passasse a ser muito lucrativa.

Para Carlos Seiscentos²³, a empresa não se transferiu somente por ser não poluente; mas, sobretudo, por cálculo eminentemente empresarial. O mercado dela está no eixo rodoviário principal de São Paulo e próximo do mercado demandante. A logística de se mudar uma empresa de alta precisão é complexa e os custos de mudança podem ser altos; por conta disso, prevaleceu a lógica empresarial da maximização do lucro.

Imagem 1: O eixo Ferrovia–Autonomistas – década de 1960

Figura 2.16: Industrial Autonomistas na década de 1960



Fonte: www.hagopgaragem.com -
Acessado em 08/09/2020 13:00

Fonte: Costa (2021, p. 134)

²³ Carlos Seiscentos (comunicação pessoal, 12 agosto, 2024).

Imagem 2: O eixo Ferrovia–Autonomistas – material publicitário de projetos imobiliários – 2000



Fonte: Costa (2021, p. 184)

4. Considerações finais

A saída de indústrias de Osasco nos anos 1980 e 1990 pode ser explicada por diversos fatores. Um talvez mais imediato tenha sido o crescimento populacional do município —em 1970, sua população era de 283.073 habitantes e evoluiu para 568.225 em 1991, pouco mais de 100%—, que fez com que os custos da terra e dos imóveis em Osasco se vissem elevados, tornando-se menos atraentes para empresas industriais que necessitavam de grandes áreas para operações e instalações. Na medida em que o território foi sendo ocupado, melhorias públicas foram realizadas, particularmente na década de 1980 e no começo da de 1990; com isso, o preço da moradia subiu, levando a que o crescimento populacional da cidade ficasse praticamente reduzido ao vegetativo nas décadas seguintes.

Adicionalmente, a crescente urbanização trouxe problemas de infraestrutura, especialmente no que se refere ao trânsito e à mobilidade urbana. O aumento do tráfego e a falta de vias adequadas para transporte de carga pesada tornaram a logística do município muito mais difícil para a atuação das empresas de grande porte. Nesse sentido, uma grande empresa que fechou suas portas em Osasco na mesma época foi o Frigorífico Wilson. Embora desativado definitivamente em 1988, enfrentava, desde os anos 1970, dificuldades de abastecimento de matérias primas animais, devido à irregularidade do transporte ferroviário e, principalmente, ao aumento do distanciamento (em relação à RMSP) dos espaços de engorda do gado para o abate e processamento.

O aumento das regulamentações no Brasil e a percepção social da extensão da problemática ambiental contribuíram para o novo cenário do município. Muitas fábricas instaladas em Osasco eram de setores intensivos em emissão de resíduos, como o metalúrgico e o químico, além da questão de saúde do trabalho específica do amianto (asbesto), enfrentado pela Eternit, que precisou encerrar suas atividades no município em 1993. Da mesma forma, também o Frigorífico Wilson enfrentava graves problemas ambientais —e com a legislação— por conta de seus efluentes.

Por outro lado, tais constrangimentos para a indústria instalada representavam os chamarizes para o crescimento do setor de serviços imobiliários e de comércio (que substituiu diretamente as indústrias citadas), mas também atraíram empresas da área de logística em razão de sua excelente posição em relação à capital paulista, principal centro consumidor do país, e também com vias rodoviárias (no que foi especialmente privilegiada por abrigar a primeira fase do Rodoanel).

Como elementos associados, podemos acrescentar: o processo de distanciamento das fontes de matérias-primas para indústrias alimentícias de grande porte; o aumento do valor destinado ao pagamento da força de trabalho, razoavelmente organizada pelo acúmulo de experiência sindical; e a presença mais marcante do capital financeiro no processo de acumulação de capital, que tem no setor imobiliário e da construção civil suas maiores expressões locais. É importante frisar que a utilização de terrenos industriais nos anos recentes se notabilizou como uma forma de “criação de espaços” urbanos para novos empreendimentos imobiliários, tanto no que se refere a moradias para a chamada classe média, como para construção de complexos de comércio e serviços como shopping centers e hipermercados.

Evidências encontram guarida no fato de que uma das primeiras fábricas a fechar e a ser demolida no município foi a da Eternit (em 1993), que passou a enfrentar de forma mais explícita —a partir de 1987— questionamentos sobre os malefícios do amianto sobre a saúde humana, principal matéria-prima de sua produção baseada em telhas e caixas d’água.

As empresas vizinhas como a Santista (Fábrica de Tecidos Tatuapé) e a Brown Boveri também passaram a sentir os efeitos do contexto descrito. A Santista, que já havia iniciado a transferência de duas unidades produtivas para o município de Santa Isabel (pertencente também à RMSP, mas mais distante da capital paulista, a 60 km do centro de São Paulo, contra 18 km de Osasco) encerrou definitivamente sua atividade no município em 1994, vendendo o terreno ao grupo de hipermercados Carrefour. Por sua vez, a Brown Boveri, embora tenha decidido fechar a produção de grande porte (motores e equipamentos elétricos) apenas no ano 2000, já enfrentava dificuldades na distribuição deste tipo de produção em função do aumento do tráfego de veículos na avenida dos Autonomistas, que havia se tornado a principal e mais movimentada avenida de Osasco.

Referências

- Allen, D., Kazan-Allen, L. (2012). *Eternit e o grande julgamento do amianto*. IBAS/CUT.
- Antunes, R. (1999). *Adeus ao trabalho?* Cortez.
- Antunes, R. (2005). *Os sentidos do trabalho*. Boitempo.
- O Mecânico. (2006). Arvin Meritor completa 50 anos no Brasil. *O Mecânico*. <https://omecanico.com.br/arvinmeritor-completa-50-anos-no-brasil/>
- Cano, W. (2007). *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil (1930–1970)*. (3.^a ed.). Unesp.
- Castells, M. (1983). *The city and the grassroots*. University of California Press.
- Chesnais, F. (1996). *A mundialização do capital*. Xamã.
- Constantino, W (2009). *A porção Oeste da Região Metropolitana de São Paulo no contexto de desadensamento da metrópole: o surgimento de uma nova centralidade em Osasco*. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo.
- Corrêa, R. L. (1989). *O espaço urbano*. Ática.
- Costa, M. O. (2021). *Desconcentração industrial e transformações urbanas: território entre a ferrovia e a Avenida dos Autonomistas em Osasco*. (Dissertação de mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Diniz, C. C. (1993). Desenvolvimento econômico e evolução urbana: a metrópole industrial de São Paulo. *Revista Brasileira de Geografia*, 53(2), 5–30.
- Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. (2005). *Estudo preliminar: impactos urbanísticos do Trecho Oeste do Rodoanel Mario Covas*. https://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/impactos_urb_trechoes-te_rodanel.pdf
- Eternit S/A. (2019). *Demonstrações financeiras padronizadas 2018*. CVM.

- Eternit S/A. (2020). *Demonstrações financeiras padronizadas 2019*. CVM.
- Eternit S/A. (2021). *Demonstrações financeiras padronizadas 2020*. CVM.
- Eternit S/A. (2022). *Demonstrações financeiras padronizadas 2021*. CVM.
- Eternit S/A. (2024). *Fato relevante: encerramento da recuperação judicial*. <https://ri.eternit.com.br>
- Fix, M. (2007). *Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo*. Boitempo.
- Franca, A. G. (2019). Estado e industrialização pesada no Brasil: uma discussão teórica sobre o Plano de Metas. *Caderno de Ciências Sociais Aplicadas*, 16(27), 39–57.
- Giannasi, F. (2012). A Eternit no Brasil. In D. Allen & L. Kazan–Allen (Orgs.), *Eternit e o grande julgamento do amianto*. IBAS/CUT.
- Gimenes, M. (1978). *Os frigoríficos da Grande São Paulo e arredores*. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo.
- Gorender, J. (1997). Globalização, tecnologia e relações de trabalho. *Estudos Avançados*, 11(29), 311–361.
- Governo do Estado de São Paulo. (2005). *Estudo de impacto ambiental do Rodoanel Trecho Norte*.
- Guimarães, L., Campos, I. (2012). Desenvolvimento e estrutura da indústria de carne bovina no Brasil. In A. J. D. Costa, E. Gelinski Jr. & M. A. R. Cavalieri (Orgs.), *História econômica do Brasil República*. CRV.
- Histórico do Rodoanel. (n.d.). Governo do Estado de São Paulo. <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/historico-do-rodoanel/>
- Humberg, M. E. (2004). *Santista Têxtil: uma história de inovações, 75 anos*. CLA Comunicações.
- IBGE. (1975). *Osasco (São Paulo)* (Coleção de Monografias n.º 590). https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n590_osasco.pdf
- Inauguradas as novas instalações de tinturaria da S. A. Moinho Santista. (1958, 13 de junho). *Correio Paulistano*, 2º Caderno, p. 1.
- Knoopfli, A. (2012). O que a Eternit é hoje. In D. Allen & L. Kazan–Allen (Orgs.), *Eternit e o grande julgamento do amianto*. IBAS/CUT.
- Langenbuch, J. (1968). *A estrutura da Grande São Paulo: Estudo de geografia urbana*. (Tese de doutorado). Universidade de Campinas.
- Lencioni, S. (2003). A metrópole contemporânea: novas formas e funções. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 5(1), 25–42.
- Luna, F. V., Klein, H. S. (2022). *História econômica e social do estado de São Paulo: 1950–2020*. Unesp.
- Maricato, E. (2001). *O impasse da política urbana no Brasil*. Vozes.
- Ministério do Trabalho e do Emprego. (vários anos). *Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)*.
- Motta, A. C. C. R. da. (2023). *Cobrasma: trajetória de uma empresa brasileira*. Paco.
- Nassif, A., Bresser–Pereira, L. C., Feijo, C. (2018). The case for reindustrialisation in developing countries: towards the connection between the macroeconomic regime and the industrial policy in Brazil. *Cambridge Journal of Economics*, 42, 355–381.
- Negri, B. (1996). *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880–1990)*. Unicamp.
- Neiva, L. (2015, outubro 20). Edifícios mudam perfil de bairro industrial na entrada de Osasco *Folha de São Paulo*.
- O Observador Econômico e Financeiro. (1955). *Edição 235*.
- O Observador Econômico e Financeiro. (1957a). *Edição 257*.
- O Observador Econômico e Financeiro. (1957b). *Edição 269*.
- Opinião. (1974). *Edição 109*.
- Pedido de recuperação judicial da Eternit. (2018). Processo nº 1030930–48.2018.8.26.0100. <https://ri.eternit.com.br/Download.aspx?Arquivo=fn0k6kkORsnqiQuuJRW3wQ>
- Penteado, A. (1958). Os subúrbios paulistanos. In A. Azevedo (Org.), *A cidade de São Paulo: Estudos de geografia urbana* (vol. IV). Companhia Editora Nacional.
- Penteado, A. R.; Petrone, P. (1958). São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais. In A. Azevedo (Org.), *A cidade de São Paulo: Estudos de geografia urbana* (vol. IV). Companhia Editora Nacional.
- Pochmann, M. (2001). *Desconcentração produtiva e estrutura metropolitana: o caso de São Paulo*. Unicamp.

- Realidade. (1967, setembro). *Edição 18A*.
- Reis, S. (2016). Meritor projeta crescimento de 25% da produção de caminhões. *Automotive Business*. <https://automotivebusiness.com.br/pt/>
- Rolnik, R. (1997). *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. Studio Nobel.
- Ruy, C. M. (org.) (2023). *Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região, 60 anos: uma história de bravura e pioneirismo*. Anita Garibaldi; Centro de Memória Sindical.
- Sandroni, P. (1999). *Novíssimo dicionário de Economia*. Best Seller.
- Santista fará linho com técnica italiana. (1992, 26 de maio). *Jornal do Brasil*. Negócios e Finanças, p. 8.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. Hucitec.
- Sasse, C. M., Saes, A. M. (2016). A Eletrobrás e as empresas fornecedoras de equipamentos para o setor elétrico brasileiro (1960–1980). *Revista História* (São Paulo), (174), 199–234.
- Siqueira, M. L. (2007). *A implantação da Escola da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco: a história da instituição nas suas duas primeiras décadas de funcionamento (1969–1989)*. (Dissertação de mestrado). Universidade Católica de Santos.
- Supremo Tribunal Federal. (2017, 29 de novembro). Supremo Tribunal Federal proíbe uso do amianto em todo o país. *UOL Notícias*. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimasnoticias/redacao/2017/11/29/supremo-tribunal-federal-proibe-uso-do-amianto-emtodo-o-pais.htm>
- Suzigan, W., Szmerecsányi, T. (2002). Os investimentos estrangeiros no início da industrialização do Brasil. In S. S. Silva, T. Szmerecsányi (Orgs.), *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Hucitec/ Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica/ Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial.
- Tinoco, A. (2003). Das economias de aglomeração às externalidades dinâmicas de conhecimento: por uma releitura de São Paulo. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 5(1), 47.
- Werner, H. P. (1981). *Raízes do movimento operário em Osasco*. Cortez.